

DESENVOLVENDO APTIDÕES EMPREENDEDORAS NO CONTEXTO DA GRADUAÇÃO:

Desafios e êxitos na experiência
do fazer empreendedor de uma Empresa Júnior.

Autora: Paloma Santana da Costa¹
Orientadora: Paula Schlemper

Resumo

Este artigo tem como propósito analisar a trajetória de um aluno de graduação dentro de uma empresa júnior, focando no caso da Tabê Design do curso de Tecnologia em Design de Produto do IFB *Campus* Samambaia. Para entender como os membros adquirem habilidades voltadas para o empreendedorismo, foi realizada uma entrevista modelo semi-estruturada com os alunos fundadores da Tabê Design, a entrevista contou com doze perguntas que foram pensadas de acordo com temas mais recorrentes na literatura sobre empresa júnior e empreendedorismo jovem. O artigo buscou investigar como é a experiência de um aluno de graduação incluso no contexto da vivência de uma empresa júnior.

Palavras-Chave: empresa júnior, empreendedorismo, educação.

Data de aprovação: 15/02/2022.

1.Introdução

Esta pesquisa nasce da necessidade de compreender os desafios e êxitos no processo de fundação de uma empresa júnior dentro do contexto da graduação. Neste sentido, o foco deste estudo será no impacto do empreendedorismo jovem no cotidiano do fazer empreendedor dentro de uma empresa júnior, em específico na Tabê Design.

Este tema foi escolhido pois existe a necessidade de se debater o empreendedorismo jovem e a criação de empresas juniores na graduação, através do protagonismo estudantil, pois, segundo Filion (2008) existe uma escassez de produção científica e acadêmica acerca do tema, mesmo que a participação de jovens no empreendedorismo seja significativa. De acordo com Emmendoerfer, Carvalho e Pereira (2008, p. 446) "a empresa júnior não é um campo muito investigado pelos estudantes de uma Instituição de Ensino Superior. As pesquisas sobre o Movimento Empresa Júnior (MEJ) e sobre as EJs são escassas, muitas vezes porque o aluno desconhece essa possibilidade ou pela falta de interesse, que deveria ser incitado na sua formação."

¹Artigo desenvolvido para a obtenção do diploma de conclusão de curso em Tecnologia em Design de Produto no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação de Brasília — Campus Samambaia. E-mail: paloma.costa@estudante.ifb.edu.br

A metodologia utilizada neste artigo é a pesquisa qualitativa, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e documental sobre empresa júnior, educação empreendedora e empreendedorismo jovem. Na pesquisa bibliográfica foram utilizadas produções científicas em plataformas como Periódicos Capes e SciELO. Esse artigo fará um levantamento bibliográfico do movimento empresa júnior e da educação empreendedora, buscando compreender os fatores determinantes para que estes sejam relevantes. Por final, será feito um estudo de campo da trajetória de fundação da Tabê Design, assim como uma entrevista com seus membros fundadores, investigando as motivações, dificuldades e êxitos da vivência empreendedora dentro de uma empresa júnior.

A revisão bibliográfica foi realizada de modo narrativo, buscando produções científicas que discutem o estado atual do tema da pesquisa. Tendo como base o problema de pesquisa, o foco foi em textos escritos ou traduzidos para o português brasileiro disponíveis nas bases de artigos científicos Periódicos Capes e SciELO. Deste modo, foi possível selecionar trabalhos que mais se destacaram quanto à centralidade do tema.

Desta forma, este artigo tem por objetivo compreender o cenário da educação empreendedora no âmbito da graduação, identificar as aptidões profissionais desenvolvidas pelos alunos na vivência na fundação da Tabê Design e analisar o impacto do empreendedorismo jovem no cotidiano do fazer empreendedor dentro de uma empresa júnior de design de produto, focando no cenário em que se enquadra a Tabê Design.

Para compreender esse cenário, a técnica de pesquisa usada será o modelo de entrevista semi-estruturada. O modelo foi escolhido por ser mais dinâmico e combinar perguntas abertas e fechadas, com a possibilidade do entrevistado discorrer sobre o tema proposto. De acordo com Boni e Quaresma (2005), a entrevista semi-estruturada possui vantagens como uma flexibilidade maior quanto ao tempo da entrevista, uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado, “o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados”, o que favorece em uma maior interação entre o pesquisador e o entrevistado. (BONI E QUARESMA, 2005, p.75)

Na interpretação científica dos dados será utilizado o método de análise de conteúdo. Bardin (2004) expõe que a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2004, p.09)

Deste modo, no primeiro momento será abordado o papel das empresas juniores na formação acadêmica dos jovens, na segunda seção será tratado a questão da educação empreendedora no contexto do curso de Tecnologia em Design de Produto do IFB *Campus* Samambaia, e por último será analisada o processo de fundação da Tabê Design. Por fim, podemos notar a importância de se debater a educação empreendedora e o desenvolvimento profissional dos alunos que experienciaram sua trajetória educacional fazendo parte de uma empresa júnior.

2. Referencial teórico

2.1. Empresas Juniores e o Movimento Empresa Júnior

Uma empresa júnior é classificada como uma associação sem fins lucrativos, criada e gerida por alunos, com auxílio dos professores, que estejam cursando o ensino superior de modo regular. De forma técnica, de acordo com o Conceito Nacional de Empresas Juniores (CNEJ), empresas juniores podem ser definidas como:

Empresas constituídas pela união de alunos matriculados em cursos de graduação em instituições de ensino superior, organizados em uma associação civil com o intuito de realizar projetos e serviços que contribuam para formar profissionais capacitados e comprometidos com o propósito de transformar o Brasil. (CNEJ, 2014)

As empresas juniores têm se tornado mais populares dentro do conceito de empreendedorismo jovem. De acordo com Filion (2008) são considerados jovens empreendedores pessoas entre 18 e 34 anos, no momento em que se inicia o processo de criação da empresa.

Percebe-se, entre os jovens, a necessidade de empreender e ter experiências sólidas dentro do mercado de trabalho antes mesmo de completarem o ciclo da educação formal de sua área de atuação. Neste cenário, a empresa júnior se torna um espaço de possibilidades de práticas de trabalho e execução de projetos, além de ser um ambiente que proporciona um contato direto com o mercado de trabalho.

Neste cenário, podemos relacionar também a importância da educação empreendedora dentro do ensino tecnológico. A relevância da educação empreendedora tem sido reconhecida nacional e internacionalmente. Como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD. Cerimônia organizada pela ONU, que tem colocado a pauta da educação empreendedora como prioritária em debates políticos. (SCHAEFER; MINELLO, 2016)

Dentro das universidades e faculdades, tem crescido o Movimento Empresa Júnior, também conhecido como MEJ. (Brasil Júnior, 2020) O MEJ se caracteriza como um movimento social composto por empresas juniores, entidades reguladoras e apoiadores. É importante destacar que esse movimento é gerido por estudantes de graduação e orientado por professores das instituições de ensino superior.

De acordo com a Brasil Júnior (2015), a motivação de criar um movimento próprio para empresas juniores surgiu na França em 1967, na ESSEC – *L'École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales*. Os alunos da universidade de ciências econômicas e comerciais fundaram a primeira empresa júnior, a Junior Enterprise, com o objetivo de experienciar a realidade empresarial antes mesmo da conclusão do curso superior.

No Brasil, o MEJ se iniciou em 1987 na Fundação Getúlio Vargas (FGV) no estado de São Paulo, por meio do Diretor da Câmara de Comércio Franco-Brasileira, João Carlos Chaves. Em sua gestão, incentivou os alunos do

curso de Administração da FGV, a fundar a Empresa Júnior Fundação Getúlio Vargas (EJFGV), sendo esta a primeira empresa júnior da América Latina e a primeira do Brasil.

A partir desse momento, até os dias atuais as empresas juniores se tornaram cada vez mais populares dentro das instituições de ensino superior. Atualmente, as empresas juniores estão implementadas em diversos cursos, que vão muito além do curso de Administração. É possível encontrar empresas juniores em cursos como Enfermagem, Direito, Letras, Química, Ciência da Computação, Engenharias, Design e muitos outros cursos de ensino superior.

De acordo com a Brasil Júnior (2010), o Movimento Empresa Júnior impactou em mais de R\$ 70 milhões a economia brasileira. Esses lucros não são diretamente empregados na empresa, pois todo o serviço prestado pelos alunos é voluntário. Porém, existe a possibilidade de que o dinheiro dos serviços prestados sejam revertidos em capacitações e equipamentos para que os projetos sejam desenvolvidos da melhor forma possível por seus membros.

É relevante destacar o papel das entidades reguladoras dentro do MEJ. A instância que representa as empresas juniores nacionalmente é a Brasil Júnior, composta por federações regionais que acompanham desde a fundação da empresa, até a regulamentação de documentos para realização de projetos. Atualmente, a Brasil Júnior é composta por 17 federações, incluindo o Distrito Federal (DNA Júnior, 2012). A Brasil Júnior é a confederação brasileira de empresas juniores, que representa mais de 28.000 jovens empreendedores, de 1.300 organizações, tendo como missão “representar o MEJ e potencializá-lo como agente de formação de empreendedores capazes de transformar o país e sua atuação” (DNA Júnior, 2012, p.15)

As federações do MEJ são divididas pelos estados brasileiros, sendo a Concentro a que atua no Distrito Federal. A Federação das Empresas Juniores do Distrito Federal, responsável por desenvolver, representar e expandir o Movimento Empresa Júnior do DF. Constituídos de cinquenta e nove Empresas Juniores, espalhadas em oito Instituições de Ensino Superior em todo o DF. Totalizando, somam mais de mil e duzentos empresários juniores. (CONCENTRO, 2021)

O papel das Empresas Juniores na formação acadêmica de graduandos

As Empresas Juniores - EJs são instituições organizadas como associação civil e constituídas por alunos matriculados em uma instituição de ensino superior, sem fins lucrativos, com o intuito de realizar “projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos associados, capacitando-os para o mercado de trabalho.” (BRASIL, 2016) As empresas juniores são amparadas pela Lei nº 13.267, sancionada em 6 de abril de 2016. De acordo com a Lei:

Art. 2º Considera-se empresa júnior a entidade organizada nos termos desta Lei, sob a forma de associação civil gerida por estudantes matriculados em cursos de graduação de instituições de ensino superior, com o propósito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos associados, capacitando-os para o mercado de trabalho. (BRASIL, 2016)

A administração de uma empresa júnior é de responsabilidade de seus membros, com o auxílio de professores orientadores, e tem por objetivo principal conquistar conhecimentos práticos da área educacional à qual está inserida. Neste sentido, Cunha (1999) destaca que o propósito da empresa júnior é proporcionar ao aluno de graduação as condições ideais para que os conhecimentos teóricos sejam colocados em prática.

Desta forma, as empresas juniores se tornam um espaço vasto de possibilidades para os que fazem parte dela. De acordo com Luna (et. al, 2014), “EJs manifestam, de forma evidente, seu intuito maior de tornarem-se ambientes de aprendizagem qualificados e, em muitos casos, de proporcionarem oportunidades de formação complementares às efetivamente oferecidas pelos currículos dos cursos de graduação.”

Ou seja, as empresas juniores reforçam habilidades e competências adquiridas de forma teórica e intensificam as capacidades e habilidades dos alunos. Para Lucena e Silva (2021), a relevância da criação de empresas juniores possui três atores importantes em seu trajeto: os alunos, as organizações contratantes e as instituições de ensino.

Quadro 1 - Atores relevantes na aquisição de habilidades e os benefícios adquiridos na participação de cada um no MEJ.

Alunos	Organizações contratantes	Instituições de Ensino
Fazer o registro legal da empresa: lidar com burocracias.	Solução personalizada para o problema real do cliente.	Auxilia na melhora e na qualidade dos cursos superiores.
Lidar com clientes: negociar, argumentar, vender; Interação com organizações contratantes: aprendem especificidades culturais de cada organização.	Solução de qualidade, haja vista que o desenvolvimento dos projetos de consultoria conta com a supervisão de profissionais experientes e qualificados na área do estudo.	Promove um alinhamento mais palpável da instituição de ensino com o mercado de trabalho.
Trabalho em equipe: otimização dos recursos disponíveis; Descoberta de perfil profissional: a partir do contato com as empresas os membros descobrem qual seu perfil profissional. (perfil para consultoria, para a carreira executiva, para o empreendedorismo.)	Soluções de baixo custo, visto que empresas juniores cobram de 10% a 20% menos que o valor cobrado por uma empresa de consultoria atuante no mercado.	Promove um canal de acesso direto para os alunos ao setor produtivo da economia da localidade onde a empresa júnior está localizada.

Fonte: Adaptado de Lucena e Silva (2021).

Além das habilidades teóricas e práticas adquiridas durante a graduação, outras aptidões também fazem parte do aprendizado. Marassi, Vogt e Biavatti (2014) afirmam que os conhecimentos adquiridos em uma EJ, ao serem potencializados em capacidades, criam nos jovens a capacidade de “enfrentar mudanças de ação e reação a novos desafios.” Ainda de acordo com os autores, surge nos últimos anos um perfil novo de IES, que mescla as atividades de ensino e pesquisa, com atividades práticas vivenciadas na carreira profissional do aluno. (MARASSI, VOGT E BIAVATTI, 2014)

Para Dolabela (1999) as capacidades humanas que são desenvolvidas nesse trajeto são tão importantes quanto as habilidades técnicas. Ele cita algumas dessas habilidades que são desenvolvidas na vivência de um aluno em uma empresa júnior: “trabalho em equipe; comunicação verbal e escrita; apresentação de idéias; dimensionamento do tempo; autonomia para aprender; habilidades técnicas.” (DOLABELA, 1999)

Além desses aprendizados individuais, podemos citar também os benefícios que esses alunos trazem para o dia a dia dentro da instituição de ensino ao contribuir para as discussões e debates nas aulas. Para Emmendoerfer, Carvalho e Pereira (2008), um benefício que participantes de empresas juniores podem trazer para dentro da sala de aula são as vivências experienciadas durante sua passagem pela EJ, enriquecendo o conteúdo lecionado pelos professores.

Outro benefício proporcionado pelas EJ's é o dinamismo desenvolvido pelos participantes no dia a dia da empresa através das diversas decisões que devem ser tomadas acerca de assuntos que, muitas vezes, são desconhecidos ou, ainda, não vivenciados. Isso resulta em um desenvolvimento de capacidades humanas que são muito valorizadas no mercado. (Emmendoerfer, Carvalho e Pereira, 2008, p. 445)

Desta forma, podemos notar que o espaço que os alunos encontram nas empresas juniores são espaços “de aprendizagem gerencial, interação e engrandecimento acadêmico/profissional dos alunos graduandos na IES estudada, em que o professor pode fortalecer e facilitar sua atividade de ensino, ao utilizar a EJ como estratégia didática” (EMMENDOERFER, CARVALHO E PEREIRA, 2008)

A empresa júnior pode contribuir, assim, para diversas áreas tanto da vida profissional do aluno, como da pessoal. Influenciando seu desempenho na vida acadêmica, sua relação com a instituição de ensino e com a comunidade em que está inserido. Os conhecimentos adquiridos na EJ retornam para a sociedade em forma de cidadania e até mesmo de serviços.

2.2. A educação empreendedora

A pauta da educação empreendedora tem ganhado cada vez mais destaque nos debates internacionais e nacionais. A Organização das Nações Unidas - ONU, promove uma das conferências mais relevantes na área do desenvolvimento e do comércio, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD. Nela, a educação empreendedora possui espaço prioritário nas discussões. (SCHAEFER; MINELLO, 2016)

No Brasil, a ONU possui um programa de educação empreendedora em conjunto com o SEBRAE, chamado Empretec. É o principal programa de educação empreendedora da ONU e é realizado em 40 países, e tem demonstrado um papel essencial na formação de empreendedores. Seu objetivo é constituir características que integram um perfil ideal de empreendedor. Iniciativas livres com empreendedores são mais comuns. Porém, iniciativas de incentivo ao empreendedorismo na formação educacional formal ainda não são práticas tão corriqueiras em cursos que não envolvam administração, como a psicologia e a sociologia. (LORENTZ, 2015).

Entende-se que o conceito de empreendedorismo não se trata de uma disciplina acadêmica, mas sim de um campo de estudo, pois não existe um paradigma absoluto. (BAGGIO, 2014) Deste modo, é importante destacar que o empreendedorismo é uma subárea da administração e está sendo estudado de forma específica, mais recentemente, e seus conceitos ainda estão em desenvolvimento, não havendo ainda um consenso entre os autores da área. (HENRIQUE; CUNHA, 2008)

Sabemos que o empreendedorismo traduz-se num conjunto de práticas capazes de garantir a geração de riqueza e uma melhor performance àquelas sociedades que o apóiam e o praticam, mas sabemos também que não existe teoria absoluta a este respeito. (BAGGIO, 2014, p.26)

De acordo com Henrique e Cunha (2008), a educação empreendedora não deve ser lecionada da forma tradicional e isso acarretaria em uma mudança no sistema educacional. Ainda de acordo com os autores, para as Instituições de Ensino Superior (IES) atingirem o objetivo de formar pessoas aptas a abrirem um empreendimento, de forma a buscarem a inovação, contribuindo assim para a continuidade sólida dos estabelecimentos, seria necessário possibilitar práticas que instiguem a criatividade do aluno.

Para Guerra e Grazziotin (2010), a educação empreendedora se dá através de uma ponte entre a “ordem científica e a liberdade criativa”. Porém, de acordo com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), percebe-se uma tendência de precarização do ensino e do trabalho dos agentes educadores, dificultando que esse modelo de educação seja implementado em sua plenitude. Ainda de acordo com as autoras, é necessário que este modelo de educação esteja voltado para novas dinâmicas que serão demandadas pelo mundo contemporâneo, dedicando-se assim a inovações e mudanças.

Além disso, é possível notar que o ensino no Brasil ainda não aborda o empreendedorismo em sua totalidade (DOLABELA, 1999, p. 35). De acordo com Henrique e Cunha (2008, *apud* Robertson, 2003), a maioria dos estudantes brasileiros possuem pouca ou nenhuma experiência em gerir um negócio, utilizando seu tempo de educação formal para criar poucas atividades empreendedoras.

É observado que o ensino do empreendedorismo já é uma realidade na maioria das IES no Brasil. Essa inserção da educação empreendedora no ensino superior é recente e se deu em meados dos anos 1990. Essa introdução é “um passo pequeno pois se faz necessário criar uma cultura empreendedora na sociedade”. (DOLABELA, 1999)

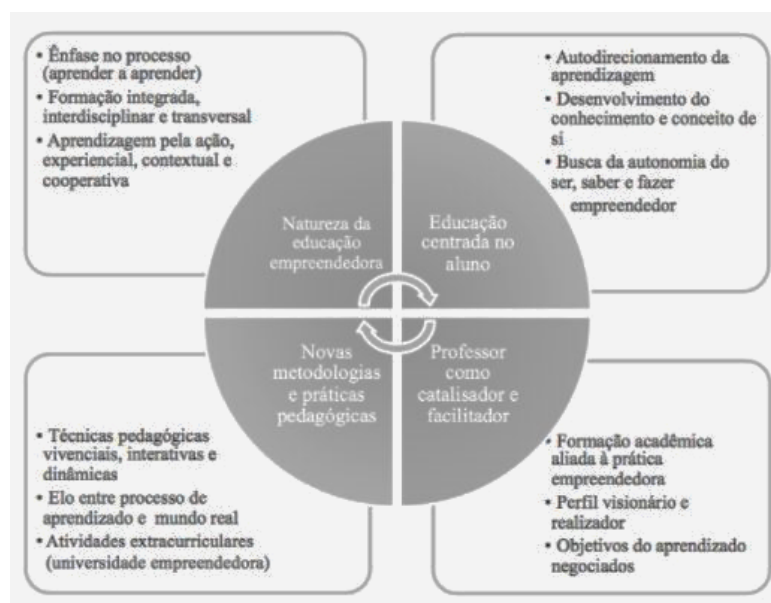
Com o termo cultura empreendedora, Dolabela (1999) aborda as razões para que a educação seja voltada para o empreendedorismo e que esta seja implementada e disseminada nas salas de aula. O autor aponta que existe a necessidade de se criar uma cultura empreendedora em conjunto com os alunos. Ele apresenta os principais pontos que tornam essa necessidade improrrogável, sendo elas: a auto-realização, o desenvolvimento social e crescimento econômico, a pequena empresa, o desemprego e a preparação do empreendedor.

Na auto-realização, o empreendedor concilia o prazer e a atividade empreendedora por esta ser a externalização de um desejo da pessoa. Com relação ao desenvolvimento social e crescimento econômico, Dolabela (1999) explicita que as condições favoráveis ao desenvolvimento econômico precisam ser desfrutadas pelos empreendedores para que estes, “através de sua liderança, capacidade e de seu perfil, disparam e coordenam o processo de desenvolvimento”. (DOLABELA,1999)

As pequenas empresas possuem, para o autor, um papel significativo nas taxas de emprego e de inovação tecnológica. Além de terem impacto no PIB, nas taxas de exportação e no desemprego que, para Dolabela (1999), se constitui como um esgotamento diante das alterações das relações de trabalho e, desta forma, as “sociedades se vêem induzidas agora a formar empregadores”, porém, é preciso que exista uma preparação para empreender para que haja sucesso nas empresas.

Schaefer e Minello (2016) citam as características da educação empreendedora. Para os autores, a educação empreendedora possui particularidades que são próprias dela e a fazem diferente da educação tradicional e explicitam que “a educação empreendedora deve estar centrada no aluno, em vez de centrar-se no professor ou no ensino, tornando-o senhor da própria aprendizagem.” (SCHAEFER E MINELLO, 2016, p.65)

Figura 1 - Características da educação empreendedora



Fonte: Schaefer; Minello, 2016.

Os autores Schaefer e Minello (2016) mencionam que a ênfase da educação empreendedora está no processo de aprendizagem do aluno, e esta configura-se de forma interdisciplinar e transversal, provocando uma atitude em que o aluno se perceba como protagonista de suas ações. Neste sentido, os autores alegam que o aluno é o sujeito a buscar autonomia e desenvolver habilidades empreendedoras e, nesse cenário, o professor seria um catalisador e facilitador do ensino e da aprendizagem.

A educação empreendedora possui impacto direto no cotidiano de quem a pratica. Para Sousa, Sousa, Silva e Neto (2014) é importante que haja uma junção entre a educação empreendedora e o comportamento empreendedor, pois estes dois itens estão conectados de forma intrínseca e podem se expressar na vida cotidiana, "na visão de mundo, as incertezas, da inovação, da capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no meio ambiente." (SOUSA, SOUSA, SILVA E NETO, 2014, p.113)

2.3. O exercício da educação empreendedora no curso de Tecnologia em Design de Produto do Instituto Federal de Brasília *Campus Samambaia*

A educação empreendedora possui vários aspectos e tem sido sinalizada como uma das formas mais "eficientes de se criar e difundir a cultura empreendedora e a formação de novos empreendedores."(SCHAEFER E MINELLO, 2016)

O empreendedorismo é uma das finalidades e também se constitui como uma das características dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFB). Os IFs têm por objetivo a "emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional" (BRASIL, 2008). Desta forma:

Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico (BRASIL, 2008)

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia foram institucionalizados em 2008 e se constituem como instituições de ensino superior, básica e profissional equiparados às universidades federais. São instituições criadas a partir da Lei nº 11.892, são trinta e oito Institutos no Brasil, no Distrito Federal possui nove campus, são eles Brasília Ceilândia, Estrutural, Gama, Planaltina, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Samambaia, São Sebastião e Taguatinga.

Art. 2º Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos às suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei. (BRASIL, 2008)

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) *Campus Samambaia* possui iniciativas que manifestam o empreendedorismo nos alunos e na comunidade, evidenciando os objetivos e diretrizes amparados por lei. O *Campus Samambaia* oferece cursos Técnicos Integrados que são destinados a estudantes que já concluíram o Ensino Fundamental; Cursos Técnicos Subsequentes: destinados a estudantes que já concluíram o Ensino Médio;

Graduação; Proeja: cursos técnicos destinados a jovens e adultos, Cursos a distância e Cursos de Formação Inicial e Continuada. (IFB, 2011)

Dentro destas modalidades existem cursos nas áreas de meio ambiente, segurança do trabalho, móveis e construção civil. Áreas que foram definidas através de estudos das atividades econômicas da cidade de Samambaia e por meio de uma consulta pública realizada em 2009 constatando a necessidade da população por esses cursos. (PPC Design de produto, 2019)

Considera-se que os Institutos Federais, na construção de sua proposta pedagógica, façam-no com a propriedade que a sociedade está a exigir e se transformem em instrumentos sintonizados com as demandas sociais, econômicas e culturais, permeando-se das questões de diversidade cultural e de preservação ambiental, o que estará a traduzir um compromisso pautado na ética da responsabilidade e do cuidado. (PACHECO, 2011, p.25)

O curso de Tecnologia em Design de Produto foi criado, então, a partir de pesquisas com a comunidade, principalmente com a premissa de possibilitar a verticalização dos estudos para estudantes dos cursos técnicos e também devido ao crescimento do design no cenário do mercado econômico nacional. Sendo o curso inserido no eixo de Produção Cultural e Design com duração de dois anos, com o intuito de formar profissionais com conhecimentos específicos do mercado de trabalho. Tem por intuito a formação tecnológica, sendo esta uma proposta pedagógica mais flexível e inovadora proporcionando uma formação atualizada e qualificada. (PPC, 2019)

Desta forma, o curso atende às necessidades do mercado de trabalho na área do design, possui uma grade curricular flexível e de acordo com o Projeto Pedagógico (2019) essa flexibilidade possibilita uma renovação curricular ágil, se assim se fizer necessário alterações, possibilitando uma rápida adaptação da formação ao cenário profissional atual.

De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Superiores do Ministério da Educação (2016), o aluno que conclui o curso de Tecnologia em Design de Produto:

Projeta produtos industriais como móveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos, objetos pessoais e equipamentos de saúde, de segurança e de transporte. Produz criações integradas aos sistemas de fabricação, produção e viabilidade técnica com o uso de materiais adequados. Desenha, representa e expressa o projeto de produto de forma bi e tridimensional. Elabora modelos volumétricos, reduzidos e protótipos com uso de técnicas diferenciadas de expressão gráfica. Especifica equipamentos para projeto de produtos. Avalia e emite parecer técnico em sua área de formação. (Catálogo nacional de Cursos Superiores, 2016)

A estrutura curricular do curso favorece o design, a inovação, a ciência e o empreendedorismo em suas características. De acordo com o PPC (2019), “o Tecnólogo em Design de Produto adquire, além dos conhecimentos técnicos e tecnológicos, conhecimentos científicos e gerenciais, que o possibilita atender às mais diversas áreas de conhecimentos convergentes ao setor do design”. Dentro do currículo do curso há diversos componentes curriculares que evidenciam esse trecho. Matérias como Economia Criativa, *Marketing* e Empreendedorismo demonstram que a formação tem o intuito de estar em consonância com o empreendedorismo dentro do mercado de design.

O *Campus* Samambaia possui diversas iniciativas voltadas ao empreendedorismo e à inovação, sejam elas a partir de parcerias com instituições externas ou nascidas no IFB. Algumas delas são o iFactory - Ambiente de Práticas Inovadoras, Multlab - Laboratório de prototipagem e modelagem 3D, o Núcleo de Pesquisa e Conservação e Restauro de Mobiliário, o Creation Lab DF, entre outros. Estas atividades podem ser desempenhadas pelos estudantes como atividades complementares, de extensão, pesquisa ou monitoria. De acordo com o Plano Pedagógico do curso de Tecnologia em Design de Produto (2019) as atividades complementares:

proporcionam a interação entre ensino, pesquisa e extensão de forma empreendedora e inovadora, permitindo que o(a) estudante desperte curiosidade pela pesquisa, o interesse por atividades de extensão e desenvolva habilidades em transmitir seu conhecimento através de atividades de ensino. (PPC, 2019)

Uma dessas iniciativas empreendedoras é a Tabê Design, a primeira empresa júnior do IFB - *Campus* Samambaia. A Tabê Design foi uma iniciativa criada e executada pelos alunos do curso de Tecnologia em Design de Produto com o auxílio dos professores. A Tabê Design nasceu com intenção de criar um ambiente que proporcione aos estudantes uma experiência prática do que foi aprendido em sala de aula, buscando soluções inovadoras e sustentáveis para a comunidade, valorizando parcerias e a diversidade, com o auxílio dos professores e técnicos, utilizando a estrutura que o IFB - *Campus* Samambaia proporciona aos estudantes.

2.4. A fundação da Tabê Design Empresa Júnior do IFB - *Campus* Samambaia

A Tabê Design é uma empresa júnior do curso de Tecnologia em Design de Produto do IFB - *Campus* Samambaia e foi fundada em dois mil e vinte e um. Mesmo em meio à pandemia do Covid 19 e às problemáticas geradas pelo vírus, a empresa júnior nasceu de uma necessidade de ter experiências práticas, que por causa da pandemia precisaram ser adiadas, já que o curso vinculado à empresa possui um caráter prático e presencial. A Tabê Design foi fundada por dez alunos de diferentes semestres, porém do mesmo curso, que possuíam a vontade mútua de empreender e ter a vivência do mercado de trabalho antes de concluir a graduação.

As fases iniciais da Tabê Design foram constituídas pelos passos primários que frequentemente as empresas fazem para entender o enquadramento do negócio. Para compreender onde a Tabê Design se encaixava no mercado de design de Brasília e de Samambaia, foi realizado, com o auxílio dos professores, um Plano de Negócio com pesquisa de mercado, análise estratégica do negócio, definição de missão, visão e valores, descrição de concorrência direta e indireta, entre outros itens.

O nome da Tabê Design também foi um processo executado pelos alunos através de conhecimentos que foram aprendidos nas aulas. O método utilizado foi o *naming*, que é um processo de criação e desenvolvimento de nomes. Após pesquisas e conversas, o nome escolhido foi Tabê Design. Tabê é a abreviação da palavra Tabebuia, gênero (nome científico) ao qual pertencem as árvores

popularmente conhecidas como Ipês. A tabê foi pensada como uma representação do Cerrado e de Brasília, representando força, cores vibrantes e sustentabilidade.

Outro ponto importante a se destacar é sobre a estrutura da empresa, a Tabê Design é dividida em diretorias e assessorias. A Tabê Design é regida pelo Estatuto Social, sendo este o documento que define as regras e funções da pessoa jurídica e deve ser registrado e aprovado em cartório; e pelo Regimento Interno, que é o documento que rege os direitos e deveres, regulamentando o funcionamento da empresa, o Regimento interno e o Estatuto Social são os documentos principais que compõem a parte jurídica de uma EJ e indispensáveis perante aos órgãos oficiais para que a fundação da empresa seja feita de forma legal.

Além da Lei nº13.267 que disciplina a criação e a organização das empresas juniores com funcionamento perante instituições de ensino superior, no Instituto Federal de Brasília as empresas juniores são regulamentadas pela Resolução nº 31/2021 - RIFB/IFBrasília que estabelece as normas gerais e as diretrizes para a criação, o reconhecimento e o funcionamento das empresas juniores no âmbito do Instituto Federal de Brasília - IFB. Apesar de ser uma resolução nova, é um passo importante para a regulamentação das empresas juniores no âmbito do IFB.

3. Algumas habilidades desenvolvidas pelos membros fundadores da Tabê Design Empresa Júnior

3.1 Análise dos dados da entrevista com os membros da Tabê Design

Para a análise dos dados da entrevista semi-estruturada, os membros da Tabê Design foram entrevistados individualmente por meio da ferramenta de reuniões Google Meet, com duração de aproximadamente quinze minutos. Para a análise dos dados coletados foram utilizados os pressupostos de Bardin (2009), que o autor divide em três fases, sendo elas: (1) pré-análise, (2) exploração do material e (3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

- (1) A pré-análise é a etapa de organização, e tem por objetivo central sistematizar ideias iniciais flexíveis que permita mudanças, porém devem ser ideias precisas. Nesta primeira fase, foi feita uma leitura primária da transcrição do conteúdo das entrevistas buscando os assuntos em comum que foram mencionados pelos entrevistados. Bardin (2009) chama este tipo de leitura de "leitura flutuante".
- (2) Na etapa de exploração do material, Bardin (2009), afirma que os materiais devem ser codificados, ou seja, devem ser separados e selecionados por unidades de registro ou contextos. Nesta fase, o conteúdo das entrevistas foram separados em contexto, de modo que, foi levado em consideração a pertinência das palavras chaves citadas em comum pelos entrevistados.
- (3) Na parte de tratamento dos resultados obtidos e interpretação do material, Bardin (2009), explica que os resultados brutos devem ser tratados de maneira a serem válidos, e que a partir da constatação da validade desses resultados o pesquisador pode fazer interpretações sobre o assunto. Desta

forma, os dados foram avaliados a serem válidos, de acordo com os tópicos que são mais recorrentes na literatura sobre empresas juniores.

Desta maneira, o conteúdo coletado foi separado em três tópicos (a) experiências acadêmica e profissional, (b) aptidões e habilidades e (c) dificuldades e êxitos. O conteúdo foi separado em três tópicos para facilitar a explanação dos assuntos que foram mais comentados pelos participantes durante a entrevista.

Busca por experiências acadêmica e profissional

Um dos pontos mais mencionados pelos participantes foi a vivência acadêmica e profissional. Para os membros da Tabê Design, um dos pontos mais importantes de ter participado do processo de fundação foi a busca por esse tipo de experiência.

“Entrei em uma empresa júnior pela necessidade de entender melhor o curso e suas aplicações, adquirir experiência profissional na área antes do término do curso e habilidades de modo geral, como por exemplo a comunicação. E entender que é necessário que os alunos tenham contato com o mercado antes de ingressar nele.” - Transcrição da fala do entrevistado 5.

“Estava buscando uma possibilidade de agregar minha experiência profissional e tentar aliar isso aos estudos do curso superior, vinculando essa experiência à uma empresa júnior” - Transcrição da fala do entrevistado 6.

Para os entrevistados, a empresa júnior foi uma forma de adquirir a vivência profissional de um designer de produto na prática. Os membros da Tabê Design citaram também que não conheciam empresas juniores antes de entrar no IFB. Os membros que já tinham conhecimento, sabiam através de outros colegas, de fora do IFB, que já estavam cursando o nível superior.

“Não sabia o que era uma empresa júnior. Só fui saber mesmo quando entrei no IFB e descobri que alguns estudantes do curso [de Design de produto] estavam se juntando para abrir uma Empresa Júnior. Só assim fui pesquisar para saber o que era.” - Transcrição da fala do entrevistado 2.

“Não conhecia outras empresas juniores, acabei conhecendo quando surgiu a ideia de criar a empresa e só aí me interessei em saber do que se tratava.” - Transcrição da fala do entrevistado 4.

Já com relação a experiências acadêmicas vinculadas à empresa júnior, os entrevistados citaram que ter experiências práticas dentro da Tabê Design colaborou para fixar o conteúdo que foi lecionado em sala de aula. Alguns entrevistados também citaram que, além das experiências acadêmicas, ter participado de uma empresa júnior melhorou o relacionamento entre os colegas do curso.

“Participar da Tabê Design me ajudou a entender melhor o processo de criação e manutenção de marca/empresa. Ter contato com profissionais de diversas áreas, e de forma prática, me ajudou a fixar e entender melhor o conteúdo da sala de aula, que antes soava abstrato em alguns momentos, ou não necessários. Com isso, eu acredito que meus trabalhos estão melhorando a cada semestre, porque levo e considero as experiências que tive na Tabê para execução deles.” - Transcrição da fala do entrevistado 2.

“Na sala de aula, participar de uma EJ me ajudou principalmente na responsabilidade. Sinto que todo o processo de criação me amadureceu

muito e me ajudou nas realização de trabalhos nas matérias do curso. A EJ também foi muito importante por conta do pessoal, fiz muitos amigos que me ajudaram durante todo o curso.” - Transcrição da fala do entrevistado 5.

Aptidões e habilidades

Todos os entrevistados foram estimulados a falar sobre as habilidades que foram desenvolvidas em suas trajetórias. Os membros da Tabê Design citaram tanto habilidades técnicas como o desenvolvimento de habilidades pessoais.

“Acredito que pude melhorar minha habilidade de comunicação e elaboração de ideias. Fiquei mais criterioso com a elaboração de trabalhos e projetos dentro da faculdade. Acredito também que aprendi a lidar melhor com erros, não gerando muita frustração, mas trazendo *feedback* para melhorar ou até mesmo solucionar os problemas, seja um trabalho, projeto ou gestão.” - Transcrição da fala do entrevistado 2.

“Aprendi a me expressar melhor, expor minhas ideias, ser mais compromissada com horários e afazeres. ” - Transcrição da fala do entrevistado 3.

“Com certeza a habilidade que mais desenvolvi foi a de tentar vencer um pouco minha timidez e expor mais minhas opiniões nas reuniões com o pessoal.” - Transcrição da fala do entrevistado 6.

Já as habilidades técnicas mais citadas foram as relacionadas ao fazer profissional do Designer de Produto. Muitas das aptidões citadas pelos entrevistados são lecionadas pelos professores em componentes curriculares do curso.

“Devido a essas experiências que tive na Tabê, que levei pra sala de aula, tive a oportunidade de elaborar e apresentar um projeto para uma fábrica de móveis infantis. Penso que só foi possível, claro, sem descartar os demais colegas, de lidar com um cliente real, e apresentar algo mais técnico e robusto devido a experiência que tive na Tabê, pelos treinamentos de vendas, projetos e *branding* que tivemos pela Concentro, por exemplo.” Transcrição da fala do entrevistado 2.

“Melhorei bastante algumas habilidades técnicas. Algumas delas foram a modelagem 3D, gestão de projetos, negociação e *marketing*.” - Transcrição da fala do entrevistado 5.

Dificuldades e êxitos

Com relação às dificuldades, os entrevistados citaram que uma das maiores dificuldades foi com relação ao tempo de dedicação aos projetos e ao gerenciamento da empresa júnior. Conciliar as atividades da vida acadêmica com a vida pessoal e as demandas da Tabê foram tópicos recorrentemente citados.

“Acho que a maior dificuldade que tive foi o gerenciamento e conciliação do tempo para participar com mais assiduidade na empresa, visto que o trabalho e a vida pessoal requerem uma atenção especial.” - Transcrição da fala do entrevistado 5.

“Provavelmente acho que a maior dificuldade para mim seja conciliar os trabalhos da faculdade com os da empresa.” - Transcrição da fala do entrevistado 7.

Dificuldades com relação aos processos burocráticos e documentos da fase de fundação da empresa também foram citadas.

“Tive bastante dificuldade em aprender como escrever um documento oficial como o Estatuto [Social], Regimento Interno, entre outros.” - Transcrição da fala do entrevistado 1.

“De forma externa, alguns processos burocráticos na fundação da empresa e aprender a lidar com esses processos que não estavam sob nosso controle. Algo pessoal, que até hoje tenho dificuldade é sobre gerenciamento de tempo pessoal.” - Transcrição da fala do entrevistado 2.

Adversidades pessoais e emocionais também foram comentadas como fatores que impactaram o desempenho dos membros, principalmente no quesito comunicação e socialização com outros colegas. A comunicação remota via *sites* de reuniões também foi um fator mencionado.

“A maior dificuldade que enfrentei foi a de aprender a me abrir para as pessoas, expor minhas ideias, falar o que penso. O começo na Tabê foi difícil porque sou muito tímida quando não conheço alguém, e todos os membros da Tabê, até então, eram desconhecidos para mim. Então foi um trabalho comigo mesma, fui me moldando todos os dias para realmente conseguir participar e contribuir com a empresa, e não apenas estar ali.” - Transcrição da fala do entrevistado 3.

“Acredito que a inexperiência e ter que passar por todas as etapas de forma remota, a comunicação de certa forma fica bem prejudicada.” - Transcrição da fala do entrevistado 4.

Com relação aos êxitos, os entrevistados relataram que acreditam que sua participação na Tabê Design tenha sido, no geral, satisfatória.

“Foi bastante gratificante, apesar de alguns momentos cansativos devido uma grande carga horária para fundar a empresa. Por causa da empresa júnior, acredito que pude compreender mais o curso e as possibilidades do design de produto. Foi extremamente positivo trocar experiência com outros estudantes do curso e pessoas, profissionais de fora do curso.” - Transcrição da fala do entrevistado 2 .

“Muito agregadora, visto que quando os alunos estavam discutindo a concepção da empresa júnior todos nós participamos de muitas reuniões, *briefings*, processos de *naming* e *branding*. Tudo isso foi muito rico para agregar experiência para um dia empreender na área.” - Transcrição da fala do entrevistado 4.

“Minha experiência foi muito legal, adquiri muito conhecimento prático, além de conhecer novas pessoas, o que é muito importante no mundo do design.” - Transcrição da fala do entrevistado 5.

Todos os entrevistados citaram que ter participado de uma empresa júnior trouxe experiências pessoais relevantes, mesmo que no momento de executar alguma tarefa tenha tido algum tipo de dificuldade.

“[...] algo que sempre tive que melhorar é minha comunicação e timidez, não conseguindo por muitas vezes participar de vídeos. No primeiro projeto da Tabê foi necessário que eu participasse de uma entrevista para uma emissora de televisão. Apesar das dificuldades consegui participar da matéria e hoje isso virou uma lembrança engraçada.” - Transcrição da fala do entrevistado 2.

“Me tornei uma pessoa mais aberta para coisas novas. Normalmente eu não sairia da minha zona de conforto, mas decidi me jogar e entrar na Tabê

para viver novas experiências e foi ótimo. Por isso, hoje me sinto mais aberta.” - Transcrição da fala do entrevistado 4.

3. Conclusão

Este artigo buscou analisar como se desenvolve a trajetória acadêmica de um estudante de graduação membro de empresa júnior. Podemos ver que mesmo que as empresas juniores sejam instituições geridas e administradas por estudantes, os membros se esforçam para manter a qualidade dos serviços profissionais que são oferecidos.

A pesquisa pretende contribuir para o campo da aprendizagem e do empreendedorismo jovem por meio da análise da fundação da Tabê Design, a primeira empresa júnior do IFB *Campus* Samambaia. As entrevistas realizadas evidenciam temas que são notáveis na literatura sobre empresa júnior, como por exemplo: empreendedorismo jovem e aprendizagem.

Após a análise das entrevistas pode-se concluir que, dentro de uma empresa júnior, são desenvolvidas diversas habilidades, sejam elas profissionais, acadêmicas ou pessoais. É possível perceber que as habilidades profissionais desenvolvidas estão mais relacionadas a quesitos técnicos e metodológicos que envolvem a profissão. Fatores que são buscados no primeiro momento em que os estudantes ingressam na EJ. Com relação às habilidades pessoais, nota-se uma melhora significativa na comunicação verbal, comprometimento e responsabilidade com os projetos. Nota-se que, a partir desta experiência, os estudantes demonstraram ter uma percepção da profissão do designer de produto de forma mais ampla, demonstrando o teor multidisciplinar que é exercido pela própria dinâmica do cotidiano de uma empresa júnior.

Percebe-se também a importância do apoio da instituição em que a empresa júnior está nascendo. É necessário que haja mais investimento financeiro e tecnológico nesse tipo de empresa que, mesmo sendo geridas por estudantes com pouca experiência profissional, potencializam suas habilidades e capacidades. Proporcionar uma educação empreendedora se torna cada vez mais relevante para que os discentes exerçam suas capacidades profissionais e pessoais de forma satisfatória.

Para futuras pesquisas, recomenda-se que o tema empreendedorismo jovem dentro de empresas juniores seja mais discutido, em especial o desenvolvimento científico e tecnológico produzidos por estudantes que buscam ter uma vivência empreendedora durante a graduação.

4. Referências

BAGGIO, Adelar Francisco. BAGGIO, Daniel Knebel. EMPREENDEDORISMO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES. Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, 1(1): 25-38, 2014.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

BORGES, Cândido. FILION, Louis Jacques. SIMARD, Germain. Jovens empreendedores e o processo de criação de empresas. Ram – Revista de Administração Mackenzie, V. 9, N. 8, Edição Especial. p. 39-63 NOV./DEZ. 2008

BRASIL. LEI Nº 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF. 2008.

BRASIL. LEI Nº 13.267, DE 6 DE ABRIL DE 2016. Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. Brasília, DF. 2016.

BRASIL, Sandra A. BRASIL, Cintia F. NOGUEIRA, Clariana R. EMPREENDEDORISMO JOVEM: FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A ATIVIDADE EMPREENDEDORA. Caderno de Administração, vol. 21, no. 2, 2013, pp. 56-64.

Catálogo Nacional de Cursos Superiores. Ministério da Educação. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=98211-cncst-2016-a&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192> Acesso em 28.01.2022

“Conheça o Empretec” Disponível em <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empretec>> Acesso em 17.01.2022

CUNHA, Neila Conceição Viana da. MECANISMOS DE INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA E SEUS AGENTES: O GATEKEEPER E O AGENTE UNIVERSITÁRIO DE INTERAÇÃO. READ – Edição 09 Vol. 5 No. 1, mar-abr 1999.

DNA JÚNIOR - CONHECENDO O MEJ. Brasil Júnior - Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Diversos autores. 2015.

DOLABELA, Fernando. Oficina do empreendedor. Cultura Editores: São Paulo, 1999.

EMMENDOERFER, M. L., CARVALHO, N. B., & PEREIRA, M. F. A Empresa Júnior como Estratégia Didática em uma Universidade Federal. Revista ANGRAD, 9 (4). 2008.

“Empresas Júnior preparam estudantes da graduação para o mercado de trabalho.”
Disponível em <
<https://g1.globo.com/especial-publicitario/educa-mais-brasil/noticia/empresas-junior-preparam-estudantes-da-graduacao-para-o-mercado-de-trabalho.ghtml>> Acesso em
17.01.2022

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado. [et al.], organizadores. Educação para o empreendedorismo – Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014. 176p.:il. Vários autores.

LEITE, Eduardo Dias. DIAS, Cleidson Nogueira. Aprendizagem empreendedora para o desenvolvimento de regiões brasileiras: o fomento de competências na formação acadêmica do Instituto Federal de Brasília. Periódico Científico Negócios em Projeção | v.6 | n.1. p. 204-220. JUN.2015.

LIMA, Gislayne De Souza De. CAMPOS, Rubya Vieira De Mello. MARQUES, Gustavo Henrique. A importância de uma Empresa Júnior: do conhecimento acadêmico às práticas empresariais. Anais do VII CONCCEPAR: Congresso Científico da Região Centro-Occidental do Paraná / Centro Universitário Integrado de Campo Mourão. 2016.

LORENTZ, M. H. N. O comportamento empreendedor de diretores da UFSM e sua percepção quanto à universidade empreendedora. 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Administração. 2015.

LUCENA, Rosivaldo de Lima. SILVA, Rosângela Marie Borges. Empresa Júnior: teoria e prática – João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

LUNA, Lúri Novaes et al . Empresas juniores como espaço de desenvolvimento de carreira na graduação: reflexões a partir de uma experiência de estágio. Rev. Psicol., Organ. Trab., Florianópolis , v. 14, n. 4, p. 441-451, dez. 2014.

Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico] / Adriana Soares Pereira ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.

PACHECO, Eliezer. (Org.). Institutos Federais uma revolução na educação profissional e tecnológica. Vários autores. Fundação Santillana - Editora Moderna. Brasília, DF. 2011.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO E ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS / organizadores Marcus Vinícius Peinado Gomes, Mário Aquino Alves, Renê José Rodrigues Fernandes. – São Paulo : Programa Gestão Pública e Cidadania, 2013.

Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto. Brasília, DF. 2019.

SCHAEFER, Ricardo. EMPREENDER COMO UMA FORMA DE SER, SABER E FAZER:O DESENVOLVIMENTO DA MENTALIDADE E DO COMPORTAMENTO EMPREENDEDORES POR MEIO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA - Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Administração, 2018.

SCHAEFER, Ricardo. MINELLO, Italo Fernando. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: PREMISSAS, OBJETIVOS E METODOLOGIAS. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. Rio de Janeiro - v. 10. n. 3. jul./set. 2016. p. 60-81.

SCHAEFER, Ricardo. MINELLO, Italo Fernando. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: PREMISSAS, OBJETIVOS E METODOLOGIAS. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração . Rio de Janeiro - v. 10. n. 3. jul./set. 2016. 60-81

“60% dos jovens com até 30 anos querem ser empreendedores, mostra levantamento” Disponível em <https://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2021/06/23/60percent-dos-jovens-com-ate-30-anos-querem-ser-empreendedores-mostra-levantamento.ghtml>.> Acesso em 17.01.2022